

PRAGMÁTICA E AGRAMATICAL EM DELEUZE ¹

Júlia Maria Costa de ALMEIDA

RESUMO *Este estudo rastreia os conceitos relacionados à linguagem na filosofia de Gilles Deleuze, procurando apreender sua pragmática e o conceito de agramatical aí formado, de modo a abrir uma outra perspectiva teórica que nos permita pensar a dimensão de funcionamento e uso da linguagem para além de uma pragmática estritamente lingüística e de uma sociologia da linguagem.*

RÉSUMÉ *Cet étude cherche à dégager les concepts sur le langage à l'oeuvre de Gilles Deleuze, en essayant de comprendre sa pragmatique et le concept de agrammaticale y formé, en vue de ouvrir une autre perspective theorique qui nos permette de penser la dimension d'usage du langage, au delà d'une pragmatique strictement linguistique et d'une soliciologie du langage.*

Estudar a pragmática em Deleuze nos faz estabelecer uma conversa entre filosofia e lingüística a indagar a linguagem como uma *prática*, de uma perspectiva que não abdica das tensões filosóficas (e ontológicas) nem lingüísticas: aí passaria o fio do corte. E se nós podemos dizer que estamos desviando a filosofia de Deleuze para uma filosofia da linguagem - no sentido de recuperar os nexos de um tratamento que é dado à linguagem - não se trataria aqui do que se convencionou chamar de filosofia da linguagem e que se caracterizaria, entre outros procedimentos, pelo estatuto dado à linguagem de enquadramento e de resolubilidade dos problemas filosóficos. Em nosso caso, a linguagem não aparece no centro de irradiação dos problemas filosóficos; é um problema entre tantos. E estaríamos aqui diante da primeira dificuldade, para nós que trabalhamos no campo do lingüístico e que nos defrontamos com a filosofia de Deleuze: poderíamos dizer que não somos aí tão bem recebidos como acontece quando nos aproximamos de filosofias tecnicamente mais afeitas ao campo do lingüístico, por exemplo, a filosofia analítica, a filosofia dos jogos de linguagem.

Assim, querendo sondar conceitos relativos à linguagem, somos forçados a conhecer conceitos e pensar problemas que emanam de indagações ontológicas que atravessam esta filosofia, nos deparamos com conceitos como o de “diferença”, de

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 7 de outubro de 1998, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi.

“multiplicidade”, de “agenciamento”, de “devir”, de “intensidade”, de “fora”, e que nos parecem, a princípio, de difícil articulação às perguntas e às noções que trazemos de nossas pesquisas em lingüística. E mesmo quando nos sentimos mais à vontade, isto é, quando Deleuze, muitas vezes com Guattari, está em momentos de conversa mais direta com o campo lingüístico - em *Mille Plateaux*, por exemplo - ainda assim, é uma obra plena de outros problemas que ali se atualiza e varia. Nesta filosofia de múltiplas entradas, procuramos entrar, então, pela via desta pragmática da linguagem, que é nosso objeto, tentando mapear um percurso de entendimento sobre o funcionamento do campo languageiro, que não deixa de ser um percurso virtual nesta obra - isto é, que o filósofo fez, sem o traçar. Nosso esforço: agenciar, em meio a este campo filosófico amplo uma fala sobre a linguagem que seria capaz de nos apresentar dimensões interessantes do nosso objeto. E quais foram estas dimensões apreendidas neste encontro com Deleuze?

Percorrendo o trajeto da tese, uma pragmática em Deleuze se constituiria refazendo o campo de imanência do lingüístico, o que significa promover a abertura da linguagem a todas às multiplicidades que lhe estão necessariamente conectadas. Aqui é o método do rizoma, trabalhado no conceito de agenciamento, que recupera as condições de realidade em que multiplicidades discursivas prendem-se a multiplicidades de objetos e de corpos, prendem-se a processos de subjetivação. O conceito de agenciamento de enunciação reverte o ponto de partida homogeneizante que faz com que, ao nos depararmos com a linguagem, passemos rapidamente às decomposições estruturais internas. Somos, aqui, “obrigados a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros”². O que não deixa de colocar problemas, como veremos, para uma idéia de estabilidade neste domínio.

Uma consequência que recolhemos deste conceito de agenciamento entre multiplicidades reais - discursivas e não-discursivas - é o fato de que toda representação de uma multiplicidade pela outra pode ser questionada: a linguagem ou os regimes de enunciados não representam os domínios a que se agenciam, não existem para designar estados de coisas. Em todas as dimensões do agenciamento estamos no domínio de multiplicidades reais, de práticas que co-funcionam, com seus regimes respectivos. A idéia de um laço entre a palavra e a coisa - dizemos aquilo que vemos - aparece problematizada como uma “situação simples demais” que não nos conduz ao que seja “falar” no sentido pleno deste exercício³. Entre enunciados e estados de coisas se estabelece uma relação mais complicada, que a representação simplifica.

Para pensar os termos desta relação, deste agenciamento entre expressão e conteúdo, usando agora os termos mais concisos que tratam respectivamente das multiplicidades languageiras e não languageiras, a pragmática de Deleuze e Guattari conceitua variáveis pragmáticas de enunciação, que seriam condições para a linguagem e as línguas, abrindo-as às exterioridades. A palavra de ordem é uma variável deste tipo, é a variável mínima de inserção dos enunciados nos corpos, é o enunciado-ato, o ato de fala pensado à luz da distinção estóica entre seres corporais e seres incorporais. Os atos de linguagem implicam acontecimentos ou transformações incorporais: “doutorar-se” é aqui uma transformação desta espécie, incorporal, que existe na superfície do corpo e na

² MP, p. 14 (ver abreviaturas na Bibliografia).

³ F, p. 79.

interioridade de enunciados; que acontece atribuindo-se aos corpos e expressando-se pelas proposições. Assim estariam relacionadas as multiplicidades de expressão e de conteúdo: usando os termos estóicos, os seres incorporais exprimem uma maneira do ser corporal, mas exprimir não é descrever um acontecimento, é atribuir ao corpo um acontecimento que bordeja as duas séries.

Se a pragmática de Deleuze e Guattari propõe uma teoria do agenciamento de heterogêneos nos quais circula o desejo (é sobre ele que os agenciamentos se fazem e desfazem; o agenciamento é antes de mais nada agenciamento de desejo, podendo-se descobrir nele os estados de coisas e as enunciações), a língua não se furta de uma abertura ao “fora” e de se descobrir em agenciamentos de desejo. Deleuze, em *Crítica e Clínica* convida o estudioso da língua a percorrer suas regiões de não-equilíbrio, a fazer a pergunta que a física e outros campos já fizeram: *como progredir se não se entra em regiões longe do equilíbrio?*⁴ É a maneira como uma pragmática do agenciamento e do desejo poderia pensar a relação entre sistema e uso: em agenciamentos de desejo (e não simplesmente em uso) uma língua é um sistema em estado de instabilidade criativa, intensivo e gaguejante. Como entrar nestas regiões intensivas de uma língua? Considerando, por exemplo, a variação contínua do campo lingüístico. Deleuze e Guattari encontram nas pesquisas de Labov e em suas noções de variabilidade inerente e de regras facultativas uma possibilidade de se pensar os sistemas abertos, as interseções das relações entre sistemas e exterioridades, os estados e as propriedades distantes do equilíbrio em que a instabilidade dinâmica é produtiva.

Os autores apresentam uma compreensão da questão das línguas que nos parece coerente e produtiva. Se a lingüística teria, de modo geral, nos proposto um tratamento maior dos fatos de língua, com preferência pelas constantes, é possível pensarmos um tratamento menor do lingüístico, que teria o gosto por tudo que contorna as constantes e as regularidades, por todos os pontos de não-equilíbrio, por todas as linhas de fuga que, por exemplo, uma minoria infringe em uma língua. Toda língua, e principalmente aquelas que consideramos maiores - o inglês, por exemplo - foge por todos os lados, conhece uma variação contínua de seus elementos e deve ser pensada como sistema em devir, sistema aberto: é, assim, um uso menor que o inglês negro faz do inglês considerado padrão, como contorno laborioso das constantes, expondo suas instabilidades; é assim que uma literatura *creole* pode inventar um francês barroco e menor. Parece-nos que este modo de entendimento mostra algo que a simples segmentação das línguas em dominantes e dominadas, maiores e menores não fazia aparecer. Aqui, a minoração é um caminho político possível para as línguas: como inventar um uso menor? Desafio dos imigrantes, das minorias, das literaturas. Aqui a pragmática é uma política das línguas.

Se já estamos em meio a esta pragmática da linguagem e das línguas, isto é, se já nos introduzimos no entendimento do funcionamento do languageiro através de conceitos como o de agenciamento de enunciação e de língua em devir podemos então perguntar: e o agramatical? Esperávamos conter o agramatical em um procedimento lingüístico característico e desviante, mas na condição de conceito desta filosofia ele é de modo mais amplo uma linha de agramaticalidade, que equivaleria conceitualmente a

⁴ CC, p. 137.

uma linha de diferenciação ou uma linha de variação contínua como esta que vimos atravessar as línguas. O agramatical preenche as condições de desterritorialização nas multiplicidades languageiras: ele é o que foge e o que varia, é o fato de os estratos, os agenciamentos, as variáveis de enunciação e as línguas não pararem nunca de fugir, de variar, de seguir de instabilidade criativa em instabilidade. Virtual, ele não é contudo irreal, mas é a realidade do criativo, a afirmação da diferença na linguagem, é o conceito de diferença diferenciando-se. Ele garante a pergunta pelo novo - como é possível que algo de novo aconteça? - contornando os universais. Ele salta da abertura da linguagem ao fora, ao desejo e à vida.

Uma pragmática assim pensada, em termos de dinamismos e de movimentos de fuga que constituem as formas, encontra na arte, e em nosso caso, na literatura, os agenciamentos de enunciação capazes de mostrar as condições exemplares de ação de uma diferença diferenciando-se, de um devir, de uma passagem intensiva, de uma novidade surgindo. A linguagem em estado de arte cumpre a função-piloto que a arte e a estética têm na obra de Deleuze, falando diretamente à filosofia pelas operações que realiza, pela fuga que impõe às formas, por subtrair-se à representação. E aqui nos aproximamos do momento em que esta pragmática torna-se uma pragmática do estilo.

Para introduzir o tema do literário em Deleuze, preocupando-nos com as interferências que este domínio produz para o entendimento da linguagem, começamos pelo conceito de impessoal: de que modo uma configuração literária explícita o extrapolar dos limites do sujeito, do indivíduo, problematizando as idéias mais correntes de subjetividade e de individualidade na gênese do lingüístico? Procuramos trabalhar a idéia de um *campo de subjetivação impessoal* (ou de dessubjetivação) que comportaria dois conceitos: o de singularidade, mostrando as agitações e o devir-bruma do “indivíduo”, fazendo com que ele não possa mais ser pensado sem os dinamismos (devires, trajetos, problemas, afetos) de uma realidade complexa e diferenciada que o torna em si uma multiplicidade; a seguir, pensamos os devires coletivos ou os agenciamentos polívocos, a rede de conexões entre-multiplicidades fora da qual não há individuação (brumosa) nem enunciação. Aqui persistem as figuras do escritor e dos personagens tomados em agenciamentos, em acontecimentos, em minorias, em coletivos não numéricos, mas intensos, uma gente: João Cabral e uma “gente de uma caatinga entre secas”, “uma gente de uma capital entre mangues”⁵; Severino-personagem em meio a tantos severinos não se encontra, como queria Blanchot, tomado por esta impossibilidade de dizer “eu”⁶?

Ora, se a literatura é capaz de traçar as linhas de fuga do estrato languageiro, se ela é capaz de mostrar os sujeitos em estados dessubjetivados, é o estilo, como procedimentos de uma sintaxe em devir, que expressa a efetuação deste plano impessoal e de suas linhas. Deleuze, e aqui não poderíamos deixar de mencionar uma sutil parceria com Foucault, desenvolve uma pragmática do estilo voltada ao procedimento, fazendo ele mesmo, ao longo de sua obra, um aprendizado dos procedimentos literários, do menor traço de expressão capaz de funcionar como elemento saturador, inquietante, que

⁵ João Cabral de Melo Neto, “Fazer o seco, fazer o úmido”, *Poesias Completas*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, p. 13.

⁶ Maurice Blanchot, *L'entretien infini*, Gallimard, 1969, p. 564.

faz escapar a forma lingüística e faz fugir um sistema. Como em *Kafka*, o som assignificante e intensivo - gemidos de uma voz, de um violino, algazarra - era o elemento informal que desfazia a estrutura e suas relações entre termos.

Quais são estes procedimentos lingüístico-literários que Deleuze faz ressoar com os conceitos de sua filosofia, a diferença, o rizoma, o intensivo? Acompanhamos a pesquisa do filósofo e levantamos um número de procedimentos, tais como o precursor lingüístico, as palavras-valises e esotéricas em *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido*, os fragmentos, tudo isto trabalhando uma idéia de diferença e disjunção na linguagem; desdobramos os procedimentos de Artaud, cuja análise por parte do filósofo sofreu uma variação, passando a indicar o caminho sintático e não vocabular da pesquisa do estilo, o estilo como sintaxe criativa, sintaxe em devir; entramos na conversa dos tensores com a metáfora, denunciada como procedimento entediante: a metáfora faz um uso representativo das palavras, reterritorializando a linguagem sobre a significação - "comporta-se como um cão"- quando os tensores produziram um cão lingüístico, fariam as palavras ladrar, fariam nascer uma intensidade-cão desterritorializando a linguagem; analisamos os efeitos da fórmula-agramatical, como procedimento-destino de uma série intensiva e modular.

No entanto, se o estilo é o devir intenso da língua não haveria motivo para fecharmos as experiências a um conjunto de procedimentos, nem de circunscrevê-los a uma agramaticalidade em sentido lingüístico estrito. As operações neste domínio são inesgotáveis. O que Deleuze nos aponta é uma família de procedimentos subversivos capazes de fazer na linguagem a diferença, a intensidade, a multiplicidade, isto é, uma dimensão de operações lingüísticas capazes de liberar a linguagem das figuras que a dominam, a representação, a semelhança, a figuração. Assim, inventa novos valores para encontros com as configurações literárias que nosso aprendizado e nossa prática não deveriam simplesmente reconhecer em autores e obras diversos, mas devemos principalmente estender também estes procedimentos em uma linha de desterritorialização contínua que ampliaria esta família subversiva.

E o procedimento psicótico? Esta pergunta eu trazia do Mestrado⁷. Como apreender a desestratificação que alguns psicóticos operam na linguagem, pelo menos quase todos com os quais trabalhei no Mestrado? A noção de procedimento psicótico, que vai sendo costurada por Deleuze e Foucault é interessante, e capaz de apreender os processos lingüísticos, artísticos e vitais que aí se agenciam. Um procedimento psicótico, em sua dimensão languageira, opera uma desestratificação sobre níveis específicos, realiza um método de conversão das palavras que podemos conhecer e descrever: para Louis Wolfson, por exemplo, as palavras, decompostas, não designam nada, mas ameaçam o psicótico, que as verte rapidamente em outras línguas; Roussel e a conversão de uma frase em outra, não pela equivalência significativa, mas pela inserção neste entre-frases de aventuras, acontecimentos e personagens. No entanto, cada procedimento destes obtém seus resultados: entre a palavra que se converte e a palavra convertida, este espaço, está ele povoado por acontecimentos e visões ou está vazio o entre-palavras? Esta é a pergunta que nos conduz aos processos artísticos e

⁷ *A loucura das palavras* - Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

vitais aí operando. Assim, um procedimento psicótico pode permanecer improdutivo, caso de Wolfson, em que o “procedimento lingüístico gira em falso e não reagrega um processo vital capaz de produzir uma visão”⁸. O processo, o devir foi interrompido, é o que denuncia este procedimento que acaba sendo o próprio processo (patológico). O que não impede que certos psicóticos abram o estado clínico ao processo vital e façam arte do procedimento, como Roussel e Brisset.

Restaram-nos algumas conversas, no último capítulo, com noções de campos teóricos diversos. Espero ter mostrado que a semelhança aparente entre o que poderíamos pensar como real significante e psicanalítico e um real agramatical esquizoanalítico - ambos operam na conjunção da língua e do desejo - não resiste ao exame. Começaríamos por notar o disparate das conceituações de desejo aí implicadas, passamos a figuras estranhas à filosofia de Deleuze, o sujeito e o significante, indo até mesmo às diferenças entre estas singularidades heterogêneas que povoam cada campo, de um lado equívocos, significantes encarnando homofonias, lapsos, enquanto tudo que Deleuze procura na linguagem são figuras da diferença e da intensidade, do assignificante, do impessoal, em suma, tudo que escapa ao regime do significante. Se o real que a lingüística provê - a língua pensada em termos de redes de diferenças e de relações - descarta o real que a psicanálise mostra - o real da homofonia -, o real que Deleuze escreve - da intensidade, do diferencial, do impessoal, da novidade - marca posição na crítica: ao negativo que a lingüística inclui na diferença (as oposições); à semelhança que a psicanálise empresta ao significante como Um dominante da seqüência. As figuras que se levantam aí, diria Deleuze, são ainda figuras do idêntico e do semelhante, são precisamente elas que devem ser superadas pelo agramatical.

Discutimos a idéia de novo que começa a rondar a lingüística na voz de Sylvain Auroux e gostaria de ter mostrado o quanto o conceito de devir pode ser aí útil. Conversamos com a gramaticalidade Chomsky, não por uma espécie de obrigatoriedade, já que desde o princípio da tese sabíamos que o agramatical em Deleuze não disputa, no mesmo domínio, com o agramatical chomskiano. Mas através de uma aproximação de ambos de duas noções de possível, vimos que o gramatical chomskiano traz um conceito de possível como o que antecede a realização e uma idéia de criatividade como o simples salto à existência do já-lá, criatividade predizível. Ora, o agramatical em Deleuze mostra que os processos languageiros não podem ser pensados apenas como possíveis-realizáveis, o possível aqui mudou de estatuto e encontrou sua figura de ainda-não, do novo que se cria: agramatical é o criar-se imprevisível, imerso e forçados por acontecimentos, é a abertura, com o acontecimento, de um campo de novos possíveis.

Por fim, gostaria de dizer que nós projetamos este trabalho como experimentação em um terreno incerto. No princípio, a noção de agramatical era um fio que corria imperceptível na obra de Deleuze. Creio termos conseguido cruzá-lo com os grandes temas de sua filosofia, a diferença, o novo, a vida, a arte, levantando e conectando as nervuras conceituais de um ponto de vista difícil e pouco conhecido sobre a linguagem, que abre novas perspectivas e nos reconcilia com ela: é capaz de complicar produtivamente nosso anterior contato com o languageiro, mostrando-nos que para além

⁸ CC, p. 22.

das balizas que habitualmente nos orientam - o significante e a gramaticalidade são exemplos - trabalha o agramatical.

BIBLIOGRAFIA referida de Gilles Deleuze:

Différence et répétition. Paris, PUF, 1968.

Logique du sens. Paris, Minuit, 1969. **Lógica do Sentido.**

“Schizologie” - Prefácio a WOLFSON, L., **Le Schizo et les langues.** Paris, Gallimard, 1970.

Kafka - Pour une littérature mineure (com GUATTARI, F.). Paris, Minuit, 1975.

MP: **Mille Plateaux** (com GUATTARI, Félix). Paris, Minuit, 1980.

F: **Foucault.** Paris, Minuit, 1986.

“Qu'est-ce qu'un dispositif?”* in **Michel Foucault philosophe. Rencontre Internationale.** Paris, Seuil, 1989.

CC: **Critique et Clinique.** Paris, Minuit, 1993.

“Désir et Plaisir”*. **Magazine Littéraire**, n° 325, Paris, out. 1994.